REVISTA OLORUN, n. 24, Março, 2015

ISSN 2358-3320 - http://www.olorun.com.br

OBALUAYÉ NÃO VESTE PALHA

Luiz L. Marins

http://www.luizlmarins.com.br

Segunda edição

Fevereiro de 2016

Revista, e atualizada com adição
de imagens.

RESUMO

Este texto postagem é uma análise do comentário de Baba Aikulola (Oloye Aikulola Oluwin-Oosa) sobre o fato de Obaluaye não vestir palha em terras iorubas, postado na página cultural da Fundação Paula Gomes Pgculturalfoundation Oyo.

INTRODUÇÃO

É sabido que as religiões afro-brasileiras formaram-se a partir de matrizes africanas que aqui amalgamaram-se, e esta associação de crenças, ritos e idiomas deixaram-nos uma herança religiosa diversificada, que gerou muitas vertentes, das quais não se pode dizer que esta ou aquela é nação mais pura.

Sobre o conceito de nação, Costa Lima (Afro-Ásia, 12, 1976) registra:

"[...] O povo de santo é mais etnocêntrico do que o ecumênico no plano de sua religião e, a rigor, não admite 'misturas' nos ritos que proclama serem 'os mais puros' ou 'os únicos verdadeiros' [...]"

"[...] A falecida ialorixá Aninha afirmava, com orgulho: "Minha seita nagô é pura". Dizia isto no sentido de que a *nação* de sua seita, de seu terreiro, eram os padrões religiosos em que ela, desde menina, se formara, era nagô. Entende-se aí que sua pureza era a nação do candomblé, porque, no caso de Aninha, ela mesma era, e se sabia, etnicamente descendente de africanos *gruncis*, um povo que ainda hoje habita as savanas no norte de Gana e ao sul do Alto-Volta, e que nenhuma relação étnica ou história mantinha com os iorubas até o tráfico negreiro [...]"

"[...] A nação, portanto, dos antigos africanos da Bahia foi aos poucos perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. Nação passou a ser, desse modo, o padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé [...]"

É relativamente comum vermos, de norte a sul do Brasil, entre os mais diversos segmentos religiosos afro-brasileiros, líderes afirmando pertencerem a uma linhagem ou nação puramente africana, tentando provar textualmente sua origem, geralmente

iniciado por um africano qualquer que o tempo não permite mais provar a existência, e para isso não faltam documentos, de várias páginas, inteligentemente escritas.
Disse Mãe Stella de Oxóssi em entrevista ao Jornal Tribuna da Bahia, 27/04/1995: "*Não existe no Brasil um candomblé puro.*"

Esta simples frase de Mãe Stella desmonta todas as teses que tentam provar a pureza de qualquer nação afro-brasileira, de qualquer segmento, pois apesar dela referir-se ao candomblé, sua afirmação é válida para todas as religiões de matrizes africanas, ou Tradições de Matrizes Africanas (TMAs), como queiram.

Assim, julgamos importante registrar o comentário de Aikulola que, se não teve diretamente a intenção de dizer isso, serviu para mostrar que nenhuma nação religiosa afro-brasileira, em qualquer segmento religioso, existe em África da forma como existe aqui. No seguimento da postagem, Aikulola reafirma: "*As diferenças são muitas*".

Por isso, podemos afirmar que:

- O ketu, o angola e o jeje do candomblé baiano não são as mesmas nações ketu, angola e jeje, africanas.

- O ijexa, o oyó, a kambina e o jeje do batuque gaúcho não são as mesmas nações Ijexa, Oyó, Cabinda e Jeje, africanas.

A POSTAGEM

O post contou com os seguintes participantes:

Paula Gomes
Embaixadora do Alaafin Oyo
Fundação Paula Gomes
Facebook

Nathan Aikulola
Babalaô e babalorixá tradicional yoruba Templo Ojoforitifa.
Facebook

Omo Ifa Awo Ifaomi Adelonan
Psicanalista - Facebook

Rudinei Borba
Babalorixá do Batuque, nação Kambina.
Pesquisador e escritor
Facebook

Erick Wolff
Babalorixa do Batuque, Nação Kambina.
Jornalista. Editor da Revista Olorun
Facebook

Professor Jayro Pereira, Ogã do candomblé, nação Ketu.
Professor de Teologia da ESTAF
Facebook

Gilberto de Exu
Ogã do candomblé
Vice-presidente da Tradição Mundial de Orixás para a América Latina.
Facebook

INÍCIO

Comentário de Baba Aikulola (Oloye Aikulola_Oluwin-Oosa) sobre o fato de Obaluaye não vestir palha em terras iorubas, postado na página cultural da Fundação Paula Gomes Pgculturalfoundation Oyo.

O post foi por nós copiado e posteriormente publicado em nossa página, para que o tema chegasse ao conhecimento dos praticantes do Batuque do R.S.

Oloye Aikulola Oluwin-Oosa nunca vi usar palha pra obaluaye nas varias regioes que ja visitei em terra yoruba nos anos que estou viajando pra africa ocidental. o uso de palha pra obaluaye deve ser uma influencia dos jeje (fon/adja/gun/ewe) na cultura do candomble do brasil....ou tal vez não seja. o que é certo é que o uso de palha pra obaluaye não é da cultura yoruba.

20 de dezembro às 05:37 · Editado · Curtir · 5

Pgculturalfoundation Oyo

Correto

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Não vi com palha, mas vi com um pano cobrindo da cabeça aos pés...

Pgculturalfoundation Oyo Onde?

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Vou procurar a foto, mas na Rep. Pop du Benin...

Pgculturalfoundation Oyo

ok, como disse Oloye Aikulola Oluwin-Oosa o uso de palha não é da cultura Yoruba, assim como cobrir a cabeça tambem nunca vi, por isso a minha curiosidade .

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Luiz L. Marins

Este comentário do Baba Aikulola é particularmente importante para o Batuque, porque no Brasil o Candomblé, por influência de alguns intelectuais, virou referencia para a cultura Ioruba ... e do outro lado do mar, as coisas podem ser diferentes.

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Deve ser Fon mesmo. A foto realmente de um site vodoun in Rep. Pop. De Benin... Nosso Batuque nunca vestiu Com palhas, mas entregamos uma vassoura apenas...

Pgculturalfoundation Oyo

Cobrir a cabeça desta forma talvez seja possível, mas nunca vi. Pensei k seria cobrir a cabeça com o rosto. E talvez seja possível porque Sango também as vezes cobre a cabeça desta forma

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Sabem me informar se aquela flecha que carrega o elegun de obaluaye é símbolo da flecha que sapana lança de dentro da mata em época de seca e primavera?

Pgculturalfoundation Oyo

Sim aqui na parte Yoruba existe uma pequena vassoura ou parecido e é comum nos rituais usar um tipo de vassoura em palha, ja vi.

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Ouvi falar que esta pequena vassoura serve para limpar casa de pessoas que tiveram familiares vitimados pela varíola e que por tal motivo os sacerdotes de xapanã realizam rituais fúnebres distintos a estas pessoas... no nosso Batuque temos costume de realizar limpezas espirituais com vassoura de xapanã... usamos também uma chaleira de barro no ojubo do mesmo que fica com água, no local da moringa...

Pgculturalfoundation Oyo Sim o mesmo aqui. Aqui Obaluaye só é cultuado agora na época de muito calor e não na primavera, pois a finalidade da energia dele é a prevenção das doenças trazidas pelas secas e calor para evitar calamidades de doença e morte durante este período. Relativamente à flecha tenho que perguntar ao povo de Obaluaye.

Rudi Ọmọ Ṣàngó

Legal, muito bom a troca de informações... enriquecedor... Parabéns pelo seu trabalho Pgculturalfoundation Oyo... traz informações que nunca pensamos ter deste lado do continente... Abraços...

Luiz L. Marins

Alguns assentamentos de Xapanã, no Batuque, o okuta fica dentro de uma cabaça aberta pela frente. Seria interessante saber se existe esta forma na Iorubalândia.

Pgculturalfoundation Oyo

Agradecida, estamos sempre a aprender dos dois lados.

Pgculturalfoundation Oyo

Não entendo, pode explicar melhor

Luiz L. Marins

Sim. A imagem abaixo é de uma cabaça (ou porongo). Abre-se pela frente, e dentro fica o okuta de Ṣànpànná. Na imagem a seguir a cabaça foi aberta para fazer um presépio cristão (não considerem isto), mas a ideia é a mesma.

Rudi Ọmo Ṣàngó

Vou bater foto, pera ai.

Moringa em forma de chaleira, simbolismo de água quente... mas contém água fria... muito usada água pra limpar pessoas astralmente contra febre, passar em feridas, em catapora, etc... adição desta água com uma planta chamada erva-de-bicho seca. (Polygonun persicaria). Correspondente iorubá *okò* (Poligonun senegalense) (Verger, Ewé …)

Luiz L. Marins

A capa do livro de Claude Lepine é significativa, assim como o texto:

Erick Wolff

Corroborando a fala de Aikulola, segundo meu Baba, a palha não é um elemento adequado para Xapanã, assim, devemos evitar a palha para fazer vassouras de limpeza, usando algumas plantas no lugar, e quando não houver, usamos uma vassoura de panos ou fitas coloridas. Completando a informação, o porongo é usado para esconder o Okuta dele; o que me foi explicado, que esta cabaça era usada para manter a magia de Xapanã ali, envolvendo e escondendo Xapanã, porque é uma divindade que não tem costume do Okuta ficar exposto.

Awo Ifáyomí Adèlonán

Essa comparação se faz desnecessária, quando já se sabe no Brasil que o que se denominou chamar de Candomblé foi justamente a junção de elementos de três cosmogonias africanas (Fon, Ioruba Iorubá e Bantu). E que os deuses iorubas foram revestidos dos elementos dessas culturas e outras. Portanto isso é super normal quando culturas se deslocam do seu território de existência. De antemão sigo dizendo Candomblé é afro-brasileiro, e não Iorubá,

Oloye Aikulola Oluwin-Oosa

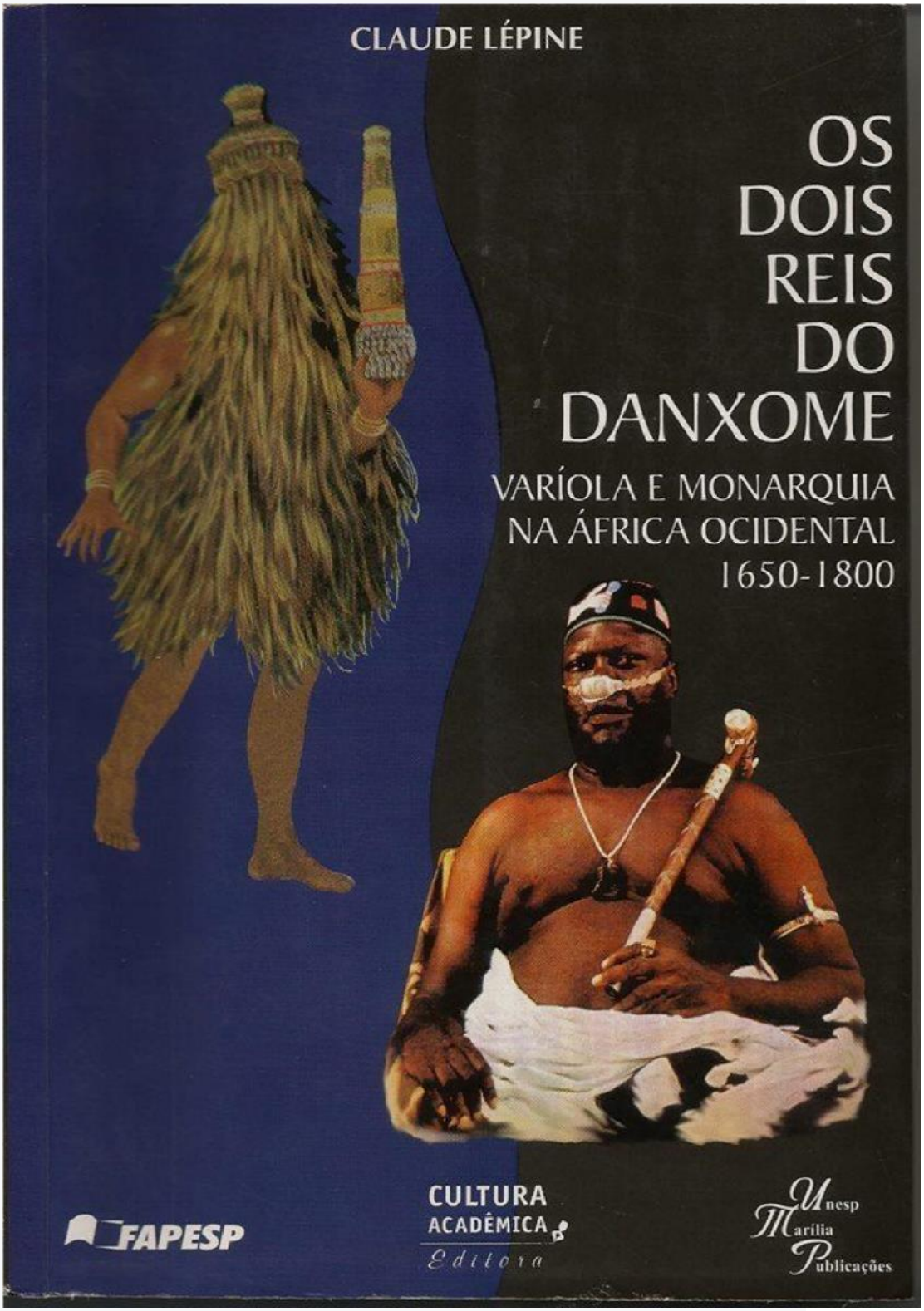
Com certeza..., candomblé é afro-brasileiro e não yoruba, ainda que uma das raízes do candomblé é a cultura yorùbá. é normal que tenha diferenças, e bastantes.

Jayro Pereira de Jesus

Olá queridos. Uma exigência para uma real lucidez é a de que também não incorramos no erro e irreparável equívoco de enxergarmos África como uma originalidade secular historicamente inabaláveis. Reside em que pensa numa intocabilidade histórica e secular a falta de compreensão dos amalgamentos, das interpenetrações em África como na afrodiásporas das Américas. As perdas tanto lá como cá foram incomensuráveis, incalculáveis, talvez indetectáveis. Mas podemos elucubrar a respeito. Só não podemos perder a compostura nesse debate que indubitavelmente é salutar.

Oga Gilberto de Seu

Esse livro é um dos melhores que já li.


CLAUDE LÉPINE
OS DOIS REIS DO DANXOME
VARÍOLA E MONARQUIA NA ÁFRICA OCIDENTAL 1650-1800
FAPESP
CULTURA ACADÊMICA Editora
Unesp Marília Publicações

3 SAKPATA

Passaremos agora ao estudo da possível origem do deus da varíola, partindo da observação da localização dos seus principais centros de culto, e apoiando-nos principalmente em Verger, o pesquisador que, sem dúvida, melhor conhece a religião dos Yorùbá e Danxomeanos e que, além de suas próprias pesquisas, ainda resume as contribuições dos autores que investigaram o assunto antes dele. Percorrendo o mapa aproximadamente de leste para oeste, encontramos o seguinte traçado:

Igala: entre os Igala (região de Idah), a divindade da varíola é Iye (isto é Aiye, ou seja o mesmo que Obáluàiyé). O povo Igala cultua a Terra e os Antepassados, e não os òrìsà. (Boston, 1971)

Akoko: para os Akoko (Ogori, Estado de Kwara, Nigéria), o deus da varíola é Iyá Okeka, a Grande Mãe. A lepra é atribuída à divindade da Terra, Ije (provavelmente a mesma que Iye, Aiye). (Gillies, 1976, p. 372)

Igbó: o deus da varíola, entre os Igbó, é Ojuku. Os Igbó cultuam também uma divindade da Terra chamada Ale, Ala, ou Ana (seria Ile, Onile dos Yorùbá, ou Nanã). (Parrinder, 1950, p. 60)

Ilé-Ifè: existe uma divindade, chamada Obáluàiyé, associada à terra e à agricultura, e também aos mortos e aos antepassados. Dizem que Obáluàiyé estava estabelecido na região, em Oke Itase, bem antes da chegada de Odùduwà. Há outra divindade, Buku, que traz a varíola. (Verger, 1957, p. 240)

Òyó: Obáluàiyé teria vivido no tempo do fundador, Òranyián; era um guerreiro cruel, que acabou emigrando para o país dos Mahí, onde se fixou. Outra tradição diz que era rei de Òyó e que Òranyián roubou-lhe o trono. Dizem também que veio do país nupe. Existe ainda uma tradição que diz que ele era o muito poderoso rei de Nupe (Verger, 1957, p. 246; 1981, p. 212). Buruku também é conhecido, sendo responsável pela varíola.

Ìbàdán: Buruku e Sòpònna são a mesma divindade. Buruku teria vindo do Oeste: do Danxome ou do Togo. Segundo os informantes de Verger, teria vindo de Tapá (nupe) onde era um rei muito poderoso. Até hoje Òbáluàiyé é chamado Elempe, isto é rei de Nupe. Podemos imaginar que eram duas divindades distintas que acabaram por se fundir. (Verger, 1957, p. 246)

Abeokùtá: Buruku e Omolu são cultuados no mesmo templo, o que deve significar que eles mantém algum parentesco, ou que eles foram instalados pelo mesmo grupo. Buruku teria vindo de Sàvè, e Omolu do Danxome. Omolu é uma divindade das águas, e nos sacrifícios rituais que lhe são oferecidos, não se deve usar faca de ferro. (Verger, 1957, p. 246)

Parecem constituir um par de entidades complementares, um sistema: Sakpata/Nanã Buruku; Sòpònna/Onilé; Ojuku/Ana; Iyá Okeka/Ije... Geralmente o rei da terra tem por arma a varíola, mas nem sempre; assim por exemplo entre os Akoko sua arma é a lepra. Essas divindades têm, entre outras particularidades a de terem por altares, montículos de terra, traço que compartilham com Èsù/Elegba.

2. Observamos em segundo lugar que o culto deste par de entidades está presente em populações que supomos serem descendentes das mais antigas migrações dos proto-yorùbá: os Igbó, os Igala. Podemos provavelmente concluir que estamos diante de elementos de um sistema religioso pré-Odùduwà, que deve ter sido trazido num passado muito remoto pelas primeiras migrações, ou senão, que era próprio de populações mais antigas, já instaladas na região do Benin, e que teriam sido assimiladas.

3. Mas, além de constatar a existência dessa entidade que encontramos difundida sob os mais diversos nomes, ainda observamos que o traçado das migrações das divindades conhecidas mais especificamente como Sòpònna ou Sakpata, e Buruku, traçado que pôde ser esboçado a partir das informações recolhidas em diversas localidades onde são cultuadas, e referentes a sua procedência, coincide, grosseiramente, com o roteiro dos antepassados: de Nupe para Òyó; de Òyó e de Ifè, passando por Kétu, Sàbé, Dassa Zoumè, até Tado e Atakpamé no Oeste. Esta constatação sugere que as migrações dos filhos de Odùduwà e dos Ajá trouxeram o culto dessa entidade.

4. Se o deus da varíola fosse uma divindade de povos autóctones anteriores às migrações dos proto-yorùbá, teríamos que buscar explicações para a existência de um sistema religioso comum a pequenos núcleos de povoamento dispersos, e isolados pela floresta densa. Parece mais provável que tenha sido trazido pelos Yorùbá e os Ajá no decorrer de suas sucessivas migrações.

5. O fato do culto do deus da varíola ter sido trazido por mais de uma migração explicaria a superposição de nomes como Sòpònna, Sakpata, Buruku. Entretanto permanece não resolvida a questão de saber porque Buruku aparece ora como o caçador que traz a varíola, ora como o deus supremo.

Imagens acrescentadas para esta edição:

Elégun de Xapanã em Oió. Fotos: Paula Gomes https://www.facebook.com/pgfoundation.oyo

Elégun de Xapanã em Oió. Fotos: Paula Gomes https://www.facebook.com/pgfoundation.oyo

Elégun de Xapanã em Oió. Fotos: Paula Gomes https://www.facebook.com/pgfoundation.oyo

Elégun de Xapanã em Oió. Fotos: Paula Gomes https://www.facebook.com/pgfoundation.oyo

Fonte da imagem: Facebook, Togo/Benin Vodoun

O VÍDEO DO BABA ZARCEL CARNIELLI

Em Março de 2016, Zarcel Carnielli, babalorixá do segmento *Ìsèsè* (Ixéxê), que preza por manter um alinhamento mais tradicional com a matriz ioRUBA, publicou em seu canal "A Casa da Boa Sorte", no Yotube, vídeo sobre Obaluayé no qual corrobora as afirmações deste texto.

Colocamos à disposição do leitor um extrato deste vídeo que fala sobre o assunto:

VIDEO ZARCEL OBALUAYE EXTRATO

Caso deseje ver o vídeo completo, pode acessar: AQUI

A postagem original deste debate pode ser encontrada em:

Facebook de Luiz L. Marins. Acessado em 05/03/2016. Disponível AQUI.